

A DESCOBERTA DO (PAU-)BRASIL

Francisco Topa

Embora pouco conhecido em Portugal, o paulistano Oswald de Andrade (*1890 †1954) é uma das grandes figuras do Modernismo brasileiro, de que foi o principal agitador. Essa sua faceta, conjugada com o recurso constante ao humor e à sátira e com uma vida marcada pela irreverência e pela fuga à convenção, explica que a crítica tenha levado algum tempo a reconhecer a valia e a solidez da sua obra, que se reparte pela poesia, pelo romance e pelo teatro.

Pau-Brasil teve a sua primeira edição, há 90 anos, com capa e ilustração da pintora modernista Tarsila do Amaral, com quem Oswald casaria no ano seguinte. Tratava-se do segundo livro do autor, que publicara em 1924 o romance experimental *Memórias sentimentais de João Miramar*.

Pau-Brasil concretiza de algum modo o programa do manifesto com o mesmo nome que Andrade escrevera em 1924: combatendo a poesia parnasiano-simbolista, o eruditismo académico e a subserviência aos modelos europeus, propõe como alternativa uma poesia genuinamente brasileira, «Ágil e cândida. Como uma criança.», apoiada numa «língua sem arcaísmos, sem erudição», com a «contribuição milionária de todos os erros». Afirmando que «A poesia existe nos factos.» e que ela é «para os Poetas. Alegria dos que não sabem e descobrem.», Oswald impõe como condição «Ver com os olhos livres.» e fixa um objetivo: «Apenas brasileiros de nossa época.».

O essencial desses princípios é de facto concretizado no livro *Pau-Brasil*, que concilia bem uma vertente crítica e iconoclasta com uma outra de sentido oposto, voltada para as coisas do Brasil. Na primeira parte, intitulada *História do Brasil*, Oswald testa os limites da conceção corrente da poesia, propondo como versos fragmentos dos primeiros relatos e tratados sobre o país, escritos por cronistas e

viajantes como Caminha, Gândavo ou o francês Claude d'Abbeville. A título de exemplo, vejamos o provocativo *Festa da raça*, composto a partir da *História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero Magalhães de Gândavo: «Hu certo animal se acha também nestas partes / A que chamam Preguiça / Tem hua guedelha grande no toutiço / E se move com passos tam vagarosos / Que ainda que ande quinze dias aturado / Não vencerá a distância de hu tiro de pedra». Como se vê, mais do que provocar, Oswald de Andrade sugere um conceito de poesia afastado do registo sentimental que dominava na altura e recupera para a literatura brasileira um conjunto de textos ainda pouco difundidos, assumindo com orgulho mitos e preconceitos sobre o Brasil e os brasileiros.

A divisão seguinte do livro, intitulada *Poemas da colonização*, também está voltada para a valorização do elemento nacional, que continua a ser encarado pelo lado mais quotidiano e menos grandiloquente, recortado em cenas marcadas por um grande poder de síntese e surpresa. Sirva de exemplo o poema *Azorrague*: «— Chega! Perdoa! / Amarrados na escada / A chibata preparava os cortes / Para a salmoura». O capítulo *Roteiro das Minas* prolonga de algum modo esse tema e esse registo, sublinhando a importância de se conhecer essa região histórica do país: «Ide a São João del Rei / De trem / Como os paulistas foram / De pé de ferro» (*Convite*). Se há momentos em que se insinua, com algum humor, um espaço parado no tempo — «O padre saiu para a rua / De dentro de um quadro antigo» (*Simbologia*) —, há outros em que se sublinha, com uma ligeira nota lírica, a monumentalidade de uma paisagem em que a arte se afirmou de uma maneira irrepetível: «No anfiteatro de montanhas / Os profetas do Aleijadinho / Monumentalizam a paisagem / As cúpulas brancas dos Passos / E os cocares revirados das palmeiras / São degraus da arte de meu país / Onde ninguém mais subiu».

Mas o compromisso com o presente e o futuro proclamado no programa do manifesto está também presente em todo o volume de *Pau-Brasil*, aparecendo em imagens fulgurantes, de uma concisão que ainda hoje nos perturba: «São 10 horas azuis / O café vai alto como a manhã de arranha-céus» (*Aperitivo*).

Mostrando «Que a poesia é a descoberta / Das coisas que eu nunca vi» (*3 de Maio*), *Pau-Brasil* consegue provar, dois anos depois da famosa Semana de Arte Moderna, que é possível fazer poesia brasileira e moderna sem a submissão aos ditames europeus, ainda que Oswald mantivesse contacto próximo com as vanguardas do velho continente. O lado provocativo e humorístico de algumas passagens não impede hoje a crítica de ver o que há de sério e de inaugural numa obra

cujos ensinamentos se prolongariam até um poeta como João Cabral de Melo Neto e a uma estética como a do concretismo.